



Ano 2 | # 4 | edição bimestral | julho e agosto de 2009

Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom

Uma obra ricamente multidisciplinar

ARRUDA, Lilian; BALTAR, Mariana(orgs). **Entre tramas, rendas e fuxicos: o figurino na teledramaturgia da TV Globo**. São Paulo: Globo, 2007. 399p.

ISBN: 978-85-250-4388-7

Márcio Fernandes¹

Em um tempo no qual se viaja cada vez mais pelos hiperlinks da Internet, ter em mãos um livro que é uma viagem informacional riquíssima pode proporcionar um prazer raro. A obra, neste caso, é a edição especial de **Entre tramas, rendas e fuxicos – O figurino na Teledramaturgia da TV Globo**, que, quando do lançamento original, em 2007, configurava o quarto título do projeto Memória Globo (este, verdadeiramente uma iniciativa ímpar na história da televisão nacional).

As quase 400 páginas de *Entre tramas...* desvendam (para os que não conhecem) ou rememoram (para os de mais idade ou que apreciam/já apreciaram o espaço vespertino *Vale a pena ver de novo*) uma iconografia espetacular, materializada em fotos de cenas e de personagens de dezenas de produções globais desde a década de 60. Há, na realidade, bem mais: têm-se acesso a croquis, ensaios em magazines de moda, projetos de figurinos e assim por diante. Em um simples virar de páginas, dá-se de cara com Corcorán (o bobo da Corte vivido por Stênio Garcia em *Que Rei Sou Eu?*, página 33), Odorico Paraguaçu (Paulo Gracindo, *O Bem Amado*, p. 80) e a viúva Porcina (Regina Duarte, *Roque Santeiro*, p. 348), dentre outros tantos.

Um livro como *Entre tramas...* acaba por ter várias funções. E é por isso mesmo que se torna uma publicação de impressionante valor, para além do simples efeito sinestésico de nos fazer recordar de tal ou qual personagem de novela ou série lá dos anos 80, quando muitos de nós estávamos no auge da identificação com os tipos, caricatos ou

¹ Jornalista profissional, free-lancer da revista Rolling Stone, mestre em Comunicação e Linguagens, presidente do Fórum Nacional de Coordenadores de Comunicação das Universidades Estaduais e Municipais (Focco/Abrium) e professor concursado do Departamento em Comunicação Social (Decs) da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Paraná.

não, criados pela Globo.

Pode-se dizer que a primeira de tais utilidades seja a de servir de conteúdo para disciplinas como Estética, presentes em cursos de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda. “A fábrica de costura do Projac é a maior sala de aula do mundo”, sentencia Crizólito Ribeiro, mais de 30 anos trabalhando como alfaiate na TV Globo, em uma menção ao também inacreditável Projac, nome mais famoso da Central Globo de Produção que abriga, dentre outros espaços, uma indústria de confecção que produz mais de 300 peças por mês. Pode-se, por exemplo, estudar o movimento neo-realista italiano do começo do século 20 presente nos figurinos da novela *Esperança*. E este é apenas um caso.

Entre tramas... também é capaz de se transformar em subsídio inicial ou complementar para se analisar parte da história do Brasil. Os tempos do presidente JK estão mencionados às páginas 284 e 285. A Revolução Farroupilha dos gaúchos é revisitada lá pela página 258, com Werner Schünemann ocupando a página toda ao lado, travestido de Bento Gonçalves, o polêmico líder da Revolução. Obviamente, não dá para levar tudo a sério: a risível *Bang Bang* (de 2005) não merece muito crédito. Interpretação fantasiosa demais do Far West americano (século 19), a novela é uma bobagem só e a foto estampada à página 148 é uma excelente amostra disso – Fernanda Lima em posição e figurinos a la samurai, em pleno deserto chileno de Atacama, é de doer.

Não fossem suficientes os cursos de Comunicação ou História, aconselha-se o livro para professores e estudantes de Letras. A ficção televisiva global sempre bebeu no universo da Literatura. Riobaldo e Diadorim, imaginados por Guimarães Rosa, são dois dos casos. E eles estavam presentes na série que a Globo levou ao ar em meados dos anos 80, lastreada em *Grande Sertão: Veredas*. O mesmo vale para a Arte, que, em *Um Só Coração* (2004), revisita a pintora Tarsila do Amaral.

Outra função utilitária de *Entre tramas...* consiste em ofertar ao público leigo uma visão panorâmica da própria produção ficcional da marca Globo ao longo de mais de 40 anos, indicando o quanto a TV se insere e ajuda a modificar o cotidiano coletivo, para o bem ou para o mal. Está escrito à página 329:

“Do corte de cabelo de Tônia Carrero na novela *Pigmalião* (1970) ao maiô engana-mamãe usado por Camila Pitanga em *Paraíso Tropical* (2007), as novelas com temas contemporâneos continuam ditando moda e determinando muitos estilos que se vêem nas ruas. A TV é um referencial, principalmente entre os que não podem se atualizar por meio das revistas especializadas nem freqüentar o circuito da moda”

Vale lembrar que, durante muitos anos (e até o princípio da década de 80), *pigmalião* foi um dos efeitos mais praticados nos salões de beleza brasileiros, rivalizando com a química denominada *permanente*.

Disponibilizar um cenário enormemente abrangente, aliás, é o cerne de todas as obras do Memória Globo, aí incluindo *Almanaque da TV Globo*, *Jornal Nacional: A Notícia faz História* e *Dicionário da TV Globo – dramaturgia e entretenimento*. É lugar-comum pelo Brasil afora, nos cursos de Comunicação, odiar a TV Globo, na maior parte das vezes sem a mínima explicação. Simplesmente, o sujeito não gosta do *sistema* e, por consequência, da Globo, ícone do tal *sistema*. Ter acesso aos títulos do Memória Globo

pode significar o desmanchar deste ranço para com a emissora. *Entre tramas...* é uma obra primorosa para provocar tal mudança de visão.

Mas, mesmo após a leitura deste livro (que tende a se tornar, digamos, um clássico da atual Cultura do Visual ocidental), pode-se, claro, continuar não gostando das telenovelas mas, no mínimo (e isso não é pouco), passa-se a respeitar bem mais todos aqueles que trabalham nos bastidores de tais produções. *Entre tramas...* expõe a riqueza de seus múltiplos talentos, que podem chegar à quantidade de 1001, conforme define indiretamente Helena Gastal à página 333, ela própria uma demonstração de versatilidade – de 1979 em diante, na Globo, foi figurinista desde a novela *Baila Comigo* (1981) até a minissérie *Presença de Anita* (2001), passando pelo humorístico *Viva o Gordo* (1982-84), com Jô Soares.

